

SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM JOVENS NEGROS NUM ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER DE UMA GRANDE METRÓPOLE

FELIZARDO JUNIOR, Luiz Carlos* – UFMG

GT-21: Afro-Brasileiros e Educação

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

Durante o percurso formativo no mestrado em Educação da FAE/ UFMG entre os anos de 2005 e 2007, estudamos as configurações a partir das quais os jovens se socializam e desenvolvem interações com seus pares em torno de atividades de lazer. Nosso olhar foi centrado nos processos de regulação e de auto-regulação; para tanto, analisamos os discursos de jovens negros, de bairros da Região Leste de Belo Horizonte, que se encontram regularmente na Praça tradicional, acerca das experiências que vivenciam ali.

O Estudo foi proposto por ser a Praça um local de encontro semanal (quase cotidiano) de jovens, em sua maioria negros, alunos da escola pública, onde o pesquisador atuava como professor de Química. O encontro com os mesmos ali, fora do espaço escolar, em momentos nos quais a expectativa era de que eles estivessem estudando, instaurou uma série de dúvidas e inquietações: afinal, que tipo de experiências eles vivenciavam em outros espaços nos quais ficavam durante o horário das aulas e que se mostravam mais significativas que a presença na escola e a participação nas atividades ali realizadas, inclusive aquelas nas quais o encontro e a socialização se destacavam?

A partir da suposição das potencialidades daquele espaço na socialização dos jovens em questão, buscamos levantar elementos que nos auxiliassem na compreensão das experiências vivenciadas por eles ali e, por conseguinte, das fragilidades da escola na relação/atendimento a este segmento de alunos em particular.

Optamos por desenvolver o estudo fora da escola pelo fato de ser a Praça o espaço onde se tornaria possível chegar até eles, visto permanecerem lá, mais tempo que na própria instituição. Por outro lado, pretendíamos construir com os sujeitos um diálogo no qual a

* Trabalho de pesquisa desenvolvido no mestrado da pós graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves
Co- Orientador: Prof. Dr. João Valdir A. Souza.

educação não fosse o elemento central, situação difícil de ser construída dentro dos limites da escola.

Da temática juventude aos sujeitos da pesquisa: um campo em construção

Do contato mais amplo com a produção teórica sobre juventude, foi possível perceber que esta é uma temática em torno da qual se vem consolidando um campo do conhecimento que a cada dia ganha mais relevância.

Destacamos de trabalhos algumas críticas no que se refere às formas de conceber a juventude, tais como o tratamento do ciclo juvenil como “crise” ou “problema” na relação com instituições¹ como a escola, família ou ainda com os sistemas jurídicos e penais². Tal como estes autores, acreditamos que seja necessário começar a ver nestes “problemas”, a explicitação dos limites e inadequações destas instituições, visando a superação

Consideramos também que as mudanças e transformações sociais das últimas décadas modificaram os modos de vida das pessoas acelerando as mudanças nas relações socioeconômicas e culturais e desorganizando o modelo de vida estruturado no contexto da modernidade em três momentos vitais, a saber, formação, atividade e aposentadoria (PERALVA, 1997).

Outro aspecto considerado em parte da produção e incorporado em nossa compreensão diz respeito à superação da figura romântica do jovem revolucionário do movimento estudantil. Essas mudanças são decorrentes das considerações de (...) *uma série de movimentos de inserção [dos jovens] em diversos planos da vida social; inclusive no mundo do trabalho, na vida afetiva/sexual, na produção cultural, na participação social etc.* (PERALVA, 1997, p.2)

¹ Instituição aqui é compreendida como conceituado por BERGER & BERGER (1977) e BERGER & LUCKMAN (1996), ou seja, trata-se de uma programação de conduta imposta pela sociedade que é dotada de exterioridade, objetividade e coersitividade, autoridade moral e historicidade, bem como dos mecanismos socialmente construídos e reconhecidos na tarefa de promover a adoção de determinadas orientações de conduta.

² ABRAMO (1994, 1997, 2005a), CARRANO (2000) DAYRELL (2000, 2001, 2003) DAYRELL e GOMES (2005) e SPOSITO (1997), entre outros.

Neste quadro ampliado de percepção da juventude procuramos levar em conta quatro perspectivas analíticas atuais da compreensão do fenômeno juvenil apontadas por ABRAMO (2005):

- a) Gerações e classes de idade, buscamos ressaltar o que no discurso dos jovens aparecia como “experiências comuns”- a forma como chegam à Praça; as relações familiares; ansiedades frente às questões de sobrevivência e os efeitos da discriminação racial em suas trajetórias.
- b) Estilos de vida juvenil, buscamos compreender esses estilos em uma perspectiva dialética como algo que não apenas molda a vida dos jovens, mas é também produzido na dinâmica da sociedade capitalista. Entendemos que os estilos não estão dissociados dos determinantes sociais que caracterizam este modo de produção. Nosso objetivo foi mostrar que os estilos de vida juvenil têm laços muito estreitos com os determinantes do mercado de consumo que impõe valores e significados à sociedade como um todo.
- c) Ritos de passagem infante/adolescente/juvenil; em nosso estudo teve o papel de nos ajudar a caracterizar a forma como se processa a passagem do mundo infantil para o mundo adulto³
- d) Trajetórias de vida e a nova condição juvenil; percebemos que se trata de uma fase complexa, cujo entendimento demandava um cuidado especial para evitar que, ao olhar para os sujeitos de nossa pesquisa, não caíssemos em extremismos (de culpados/fonte de problema à vítima que sofre as conseqüências de problemas causados por outrem). Ao contrário, objetivávamos vê-los tais como são, em suas relações e interações com o universo no qual estão inseridos e/ou pelo qual transitam, captando suas especificidades e construindo, a partir da destas, uma maior compreensão da forma como os sujeitos considerados em nossa pesquisa vivenciam esta etapa/ciclo de suas vidas.

³ Mantivemos o conceito de adolescência tão criticado por alguns paradigmas, sobretudo pelas teorias sociológicas que assinalam o caráter “psicologizante” do termo. Não nos interessa, em hipótese alguma, reforçar esse debate que, embora frutífero, não ajuda esclarecer os processos que compõem a socialização dos jovens estudados. Não nos pareceu muito produtivo considerar um enorme intervalo nas faixas etárias sob a qual hoje se agrupa o conceito de juventude. A nosso ver, o intervalo de 13 a 25 anos não esclarece nuances importantes da trajetória dos jovens por nós estudados. A abordagem para essa questão veio de uma psicanalista, Maria Rita Kehl (2004). Esta, no dizer da autora, tem, na modernidade... o sentido de uma moratória, período dilatado da espera vivido pelos que já são crianças, mas ainda não se comparam à vida adulta.

Outro aspecto observado na análise produção é que, apesar da toda esta ampliação no foco dos estudos, a temática da juventude ainda é um campo em construção, com vários temas que demandam mais estudos. Nesse contexto, destacam-se elementos constitutivos dos jovens que, certamente, interferem e dão uma dimensão particular às vivências juvenis, tais como as relações raciais e de gênero.

Há dez anos, pesquisas com tais enfoques foram consideradas emergentes, sendo *recentes na produção acadêmica e em processo de construção* (CORTI e SPÓSITO e 2000, p, 315), e os pesquisadores enfrentavam dificuldades teóricas para fazer o entrecruzamento entre juventude, raça, gênero e educação.

Mais recentemente, se destaca o reforço à idéia da existência de uma lacuna neste campo o alerta para a necessidade da realização de pesquisas que visem cobrir *as particularidades vivenciadas pelos jovens como as relações raciais e de gênero*, [uma vez que estas ainda] *ocupam um lugar ainda mais incipiente na produção teórica sobre juventude no Brasil* (GOMES, 2004, p.1). Trata-se segundo essa autora, de uma tarefa desafiadora. Contudo, tendemos a acreditar que a existência desta necessidade, por si só, aponta as potencialidades deste recorte temático que ainda tem pouca penetração no campo das Ciências Sociais, de um modo geral, e na Educação mais especificamente (SPÓSITO 1997).

As constatações reafirmadas nos poucos estudos sobre as condições de vida da juventude negra, pobre e moradora de periferia urbana revelam que, para este segmento da população, a sociedade tem reservado - via de regra -, uma *inclusão precária, instável, marginal* (MARTINS, 1997, p. 20) nas esferas sócio-econômica e cultural, e que o agravamento cotidiano desta situação expõe ao risco social, proximidade com violência e drogadição parte significativa das novas gerações das camadas populares.

Buscamos, no amplo universo de questões que permeiam o ser jovem nas sociedades contemporâneas, lançar luz sobre as formas de socialização juvenil de modo a compreender de que forma estas instâncias influenciam e/ou afetam os jovens negros pobres, moradores de uma área urbana, orientando seus modos de (...) *compreender-como-os-outros e ser-entre-os-outros*. (PEREIRA, 2005, p. 53).

Os jovens participantes da pesquisa

Os sete jovens que convidamos para participar de nosso estudo são todos do sexo masculino e negros; todos com idade entre 19 e 24 anos; dois moravam no bairro no qual a Praça está situada e os demais vinham de bairros próximos.

Em termos de escolaridade, cinco dos jovens entrevistados ou tem o ensino médio completo ou o estão cursando, os outros dois interromperam o estudo no ensino fundamental. Considerando suas idades e a escolaridade, pode-se inferir que, com exceção dos dois últimos jovens, os demais não apresentaram defasagem em termos de série e idade. Apesar de apresentarem em termos gerais, nível de escolaridade superior ou igual ao seus pais, os sujeitos da pesquisa possuíam ocupações que se igulava às daqueles. No caso dos jovens com escolaridade igual a de seus pais, a situação ocupacional era inferior à deles. Por outro lado, não percebemos diferenças significativas entre o status ocupacional dos sujeitos que tinham e/ou cursado ensino médio e os com escolaridade correspondente ao ensino fundamental incompleto.

A ocupação dos jovens e de seu pais, mostra que estamos longe de se falar em mobilidade social. No caso em que o jovem tem o mesmo nível de escolaridade dos pais sua ocupação não teve mesmo nível de status quando comparada a do próprio pai. Há pouca ou nenhuma diferença em termos de ocupação onde quem tem ensino médio e que só entre o fundamental incompleto.

Todos os jovens que participaram do estudo falaram da proximidade com violência e drogadição em seu universo, e estão inscritos no quadro de desigualdades racial brasileiro. Sobre essa questão, Edward Telles esclarece “freqüentemente, presume-se que a desigualdade racial decorra da discriminação racial, mas, na verdade, não há uma relação automática de causa e efeito”. Ele explica que a desigualdade racial é produto de questões históricas (...) tais como as geradas pela escravidão e, portanto, sua superação dependeria de tempo. Sua existência seria explicada por variáveis de desvantagem inclusive região, educação e ocupação até mesmo diferenças intrafamiliares e de vizinhança. (TELLES, 2003, p. 221-222).

Os jovens que participaram de nosso estudo traduzem bem esta situação. Todos têm uma certa inclusão: são escolarizados, chegaram ao ensino Médio, vivem em famílias com certa estrutura, moram em regiões empobrecidas de bairros de classe média, nos bolsões de pobreza sob condições de moradia precárias e têm ocupações que lhes

permitem sobrevivência, mas essa inclusão é incompleta pois a eles não chegaram as oportunidades que os ajudaria na sua emancipação enquanto sujeitos e cidadãos.

Considerações teórico-metodológicas:

Adotamos, em nossa pesquisa qualitativa, o caráter compreensivo, por considerarmos, tal como sugerido por MINAYO (1998), que estas se centram com mais ênfase nas subjetividades dos sujeitos, possibilitando interpelar e analisar, a partir dos indivíduos, seus ambientes, suas relações e interações cotidianas, os contextos e estruturas sociais nas quais constróem suas existências. Trata-se da opção por um tipo de pesquisa no campo dos estudos da juventude que permite um maior (...) *aprofundamento analítico das cotidianidades (...) promovendo a interlocução e interpelação aos contextos.* (DAVILA 2005, p, 10).⁴

O uso da observação participante na coleta de dados foi feito de modos distintos e complementares: como técnica e como metodologia. No primeiro caso, a observação foi utilizada para coleta de dados; objetivávamos levantar elementos a partir dos quais se pudesse fazer uma descrição dos jovens freqüentadores da Praça e detalhar sua presença naquele espaço, buscando conhecer suas interações, rotinas, horários, indumentária, enfim, a sociabilidade dos sujeitos, no campo de pesquisa.

No segundo caso, a utilização da metodologia da observação participante teve por objetivo (...) *ir muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução das suas falas e de seus depoimentos.* Nossas pretensões eram considerar os (...) *múltiplos significados atribuídos pelos sujeitos a suas ações e interações (...)* (ANDRÉ, 1997, p. 103-104)⁵. Por meio deste recurso, buscamos compreender os significados que os jovens sujeitos da pesquisa atribuem às vivências experienciadas na Praça e à sociabilidade naquele espaço.

⁴ SPÓSITO (2000) e CHARLOT (2001) são dois estudiosos da juventude, dentre outros, que apontam a necessidade de reconhecer a presença de outras dimensões na construção das subjetividades dos sujeitos.

⁵ Compartilhamos da compreensão desta autora no que se refere à forma de o pesquisador estar em relação a seu objeto. Segundo ela, “*na busca da significação dos outros, o investigador deve ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de pensar e entender o mundo*” (ANDRÉ, 1997, p. 104).

Para fazer emergir os significados atribuídos pelos sujeitos às vivências experienciadas no campo de pesquisa, realizamos entrevistas em profundidade. De caráter semi-estruturado, estas entrevistas versaram sobre sua chegada no espaço da praça, a realidade vivenciada no local de moradia e em outros espaços de lazer/sociabilidade e a realidade vivenciada na Praça. Nestes momentos, buscávamos incentivar os sujeitos a revelarem, por meio dos temas propostos para diálogo, o modo como se constroem na especificidade da vida juvenil, bem como os elementos que participam, implícita ou explicitamente desta construção.

ANALISANDO OS DADOS: CATEGORIAS E INTERPRETAÇÕES

Na presente seção, apresentamos os processos de socialização desses jovens. Para tanto, começamos introduzindo os conceitos e as definições que deram suporte a essa análise, apontando os diferentes níveis de aprofundamento dos dados. Configuração é nosso conceito-chave que foi utilizado na acepção de Norbert Elias, retomada, de forma enfática, no prefácio de 1968 à sua obra “Processo Civilizador” (1994, p. 249).

Elias situa o conceito configuração no próprio processo civilizador, por meio do qual a imagem de homem como *personalidade fechada* é substituída pela *personalidade aberta*. Esta, continua o autor, possui um maior ou menor grau *nunca absoluto* de autonomia em face de outras pessoas e dependentes delas (ELIAS, op. cit). As pessoas estão, portanto, conectadas em uma rede de interdependência, formam o nexo do que se chama configuração (idem).

Na concepção de Elias, a configuração é uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes (1994, p. 249) Ainda segundo o nosso autor, elas se tornam dependentes, inicialmente, “por força da natureza” e mais tarde por meio da aprendizagem social, da educação, da socialização e das necessidades recíprocas socialmente geradas (idem).

(...) o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que é regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizadora. (Elias 2004 p, 193-194)

Vinculadas dessa forma, essas pessoas só poderiam existir, segundo Elias, como pluralidade, apenas como **configuração**. Elias enfatiza a importância de a análise

sociológica não dicotomizar indivíduo e sociedade, não os concebendo em termos de seres individuais, descrevendo-os como pessoas interdependentes formando configurações, isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes entre si (*idem*).

A primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa consiste em apresentá-los, em uma de suas configurações, o grupo de lazer, que, dada sua especificidade, decidimos traduzi-la apoiando-nos nas metáforas propostas pelo próprio Elias -“jogo” (Sociedade da Corte) e “dança” (Processo Civilizador). Ambas as metáforas, segundo esse autor, mostram a dinâmica da sociedade à qual os sujeitos estão vinculados.

Nosso ponto de partida foi a própria entrevista dos sujeitos da pesquisa. Examinando atentamente cada uma delas, buscamos identificar como cada um ia estabelecendo seus próprios *links*. No discurso elaborado por todos, encontra-se aquilo que chamamos de instâncias socializadoras – família, trabalho, escola, igreja. O fato de elas aparecerem em todos os discursos já indica que elas formam as redes de interação e os processos que tornam os nossos sujeitos interdependentes, não apenas entre si, mas com uma infinidade de outros sujeitos em outras instâncias que interferem e moldam os comportamentos dos indivíduos. Esta rede age, ao mesmo tempo, como instâncias que contribuem para praticar a moderação e controlar os seus impulsos. É nesse processo que os jovens da pesquisa avançam do controle externo (pressão direta de uma dessas instâncias) para o auto-controle (incorporam as regras e passam agir a partir de uma vontade própria).

4.2 O jogo na configuração

Os discursos dos jovens sobre o bairro mostram em detalhes como se compõe a Praça para cada um deles, constituição que, como se poderá ver, contém um certo padrão dos costumes que não escapa a percepção dos jovens.

Começamos com ELEPÊ, que vem de uma cidadezinha do Norte de Minas Gerais para viver com a mãe que, na época, morava no bairro da Praça.

Eu to aqui em Belo Horizonte já tem três anos e uns três meses (...) cheguei e me deparei com o [bairro da Praça] que é o lugar que minha mãe se encontra e comecei a fazer amizades (...) como eu sou mais sério, um pouco tímido, foi difícil de fazer amizades...(ELEPÊ)

O jovem começa falando como chegou e porque está em bairro da Praça. Interrompe e faz referências à sua forma do ser. O tempo verbal está presente. Significa que sua timidez e seriedade não existiam apenas quando chegou, mas continuam existindo.

(...)fui fazendo (amizade) aos poucos, entrosando no meio da galera, trocando idéias e vi, também, que aqui na praça rola, sempre desde que eu cheguei, bebida, drogas. O que cê procura aqui, você acha nessa praça, no meu ponto de vista... (ELEPÊ, o grifo é nosso).

ELEPÊ mostra, também, que é capaz de ver todas as transações que ocorrem na praça, mesmo as que são julgadas como ilícitas. Ele passa uma imagem da praça como sendo um território no qual onde é possível satisfazer todos os desejos, sem restrição. Mas ao entrar nessa linha de apresentação, ELEPÊ muda bruscamente o sujeito de ação. Não é mais o seu “eu”, mas é um “você” (impessoalíssimo). O que “você” (e não eu) procura, você encontra”.

(...) se ocê quer um beck (...) desce ali embaixo que encontra... Se quer fumar... **cheirar uma farinha** (...) procura aí em redor que você vai encontrar alguém que tenha (...) vai disponibilizar a você ... (ELEPÊ, grifo nosso).

ELEPÊ demonstra nessa fala que tem domínio sobre o espaço que frequenta e que sabe tudo o que ali acontece mesmo as coisas que nem sempre estão visíveis. Elas existem e ele sabe onde eles se encontram.

Comparamos o seu relato com o de JOU, que também passou a morar no bairro da Praça. Mudou-se para o bairro para morar com o pai e a madrasta, quando tinha trezes anos de idade, ou seja, ainda no início de sua adolescência. Antes, morava com a mãe e a avó, na favela. Entretanto, não explica o motivo que fizera com que o pai fosse buscá-lo para morar com sua nova família. Mas, ao descrever suas impressões do antigo local de morada, temos algumas pistas.

(...) Favela! é lá no miolo!. A área onde os negócios aconteciam (...) era tudo de ruim, tudo o que você pode passar: droga, mortes, traficantes batendo nos outros, tiro, tudo. Tudo envolvendo isso acontece logo lá. E polícia batendo em neguim que não tinha nada a ver (...) dando geral nas pessoas erradas. Você dormindo e tiro sapecando na sua janela (...) tendo que dormir no chão, desse jeito. (..) com dez anos, já tinha aqueles que achavam que era homem (...) com uma arma na mão (...) dez, doze anos (...) hoje, a maioria está no caixão (...) desse jeito. (JOU)

Em um breve e curto relato, JOU descreve o que vários estudos acerca do homicídio entre jovens já falaram e denunciaram. Ainda que não diga porque o pai o arrancou

daquele ambiente, fica subentendido em seu discurso que a razão era de protegê-lo, de alguma forma.

Aos 13 anos vai viver com o pai e a madrasta. Ao considerar as imagens que ele seleciona para falar de sua chegada na nova morada, inferimos que sua vinda para bairro da Praça representou para ele a ruptura com coisas e pessoas com as quais ele tinha ligações afetivas.

(...) vim morar com meu pai. Tinha deixado todos os **meus amigos para trás, colegas, minhas meninas**, tudo para trás. Vim para um lugar **totalmente novo, totalmente diferente da cultura mesmo**, de onde que eu vivia, do jeito, do estilo de viver. Quando eu cheguei aqui para mim, **todo mundo era estranho**. Eu era estranho também. (...) Então eu vinha pra praça sozinho tomar um sorvete, beber, fumar. Depois fui enturmado com as pessoas que freqüentavam aqui, que pareciam um pouco comigo. (JOU, grifos nossos)

Veja que, para JOU assim como o foi para o ELEPÊ, a Praça foi uma espécie de refúgio. O espaço em que poderiam encontrar a “tranqüilidade” desejada não foi o lar, mas a praça, o espaço público. Foi ali que encontraram os seus afetos.

Esse trecho do discurso é significativo porque ele, um jovem de 20 anos, rememora uma experiência de quando tinha 13 anos. Ao rememorá-la cria um argumento poderoso na qual trata duas situações de forma contundente: o mundo do qual foi arrancado (dos amigos, colegas e meninas, todos tratados carinhosamente pelos “possessivos” meus e minhas) era algo que ficava para trás com certo pesar; e o mundo para o qual foi trazido, era frio, distante, estranho.

Um primeiro elemento que esclarece a aproximação foi o próprio jovem quem nos ofereceu: na praça ele foi reconstruindo laços fraternos com seus pares. Da forma como ele a descreve parece que ali havia uma “formação fraterna” tal qual esta foi descrita no estudo apresentado por Maria Rita Kehl (op. cit.) que lhe serviu de *ancoragem para novos pólos de identificação e para as criações da linguagem* (idem, p. 111).

JOU deixa bem claro que seu encontro na praça com a sua turma representou um importante momento de afirmação nessa passagem do mundo da infância para o mundo adulto, conforme sinalizou Maria Rita Kehl na citação acima.

Um jovem, BLUBLU, que não mora no bairro, mas frequenta a Praça desde os quatorze anos de idade tem uma percepção da mesma, pautada em imagens “míticas” e históricas de uma época em que ele nem era nascido.

Eu gosto muito da praça(...) porque além de ser uma praça linda, é uma praça onde foi criado o Clube de Esquina que é um clube de cantores que eu admiro muito...admiro muito a música popular brasileira. Acho **até uma sensibilidade muito grande da minha parte**, por ser um rapaz jovem e gostar da música que nem todos os jovens admiram... (BLUBLU, grifos nossos)

De pronto, BLUBLU, ao falar do por quê gosta da praça, aproveita para se apresentar. Inicia trazendo uma informação que, de fato, é um pouco distante das experiências de sua geração e dos estilos musicais apreciados por seus pares, mas que o faz se sentir distinto do conjunto. Descreve-se, a si próprio, como um ”jovem sensível” por admirar algo que ele acredita que a maioria dos seus colegas “desconhece”.

BLUBLU mora em outro bairro de Belo Horizonte, considerado pelos moradores de Bairro da Praça como “periferia”. Manteremos o termo entre aspas, porque ele não corresponde ao sentido que a Sociologia urbana deu ao termo para falar da dinâmica das cidades na constituição de seus aglomerados humanos. Para os jovens por nós entrevistados, “periferia” designava tudo o que não era bairro da Praça, e ainda, associava-se à idéia da “favela”, mesmo que o indivíduo a quem se referiam não morasse em uma favela.

Ó! eu comecei a vir à Praça, que eu lembre, foi a partir de quando eu comecei a vir com meus amigos pra frequentar a feirinha (...) que era toda sexta feira... era o **point** aqui de encontro dos jovens e tal (...) vinha para **paquerar**, paquerava bastante (...) arrumei **várias gatinhas** aqui na praça (...) vinha também no **forrozinho** que tem aqui num lugar bem próximo, já vim no Clube de Esquina (...) no Bolão e vários outros lugares aqui... (BLUBLU grifos nossos)

Claramente o deslocamento de BLUBLU de seu bairro para a praça aos quatorze anos de idade se deu como um suporte dos pares, de seus “fraternalos”, atraídos por um evento que, segundo sua percepção, juntava os jovens. O uso do termo em inglês *point* e a forma como foi usado no discurso retrata que BLUBLU é um jovem diferenciado dos outros que entrevistamos por conseguir identificar no encontro dos jovens algo a mais do que o próprio encontro.

Assim como para JOU, ELEPE e BLUBLU os outros jovens que participaram do estudo apresentaram diferentes motivações para a freqüentarem o espaço; para além das motivações pessoais encontramos em outros discursos elementos que nos permitiram entender na espontaneidade dos encontros que ali acontecem laços fraternos entre pares.

Os jovens que entrevistamos não se definiam como sujeitos que fazem parte desse ou daquele grupo. Não se trata de pagodeiros, nem de rappers, ou ainda funkeiros. Eles freqüentam todas as rodas.

Gonçalves (2005) no estudo que fez sobre lazer e juventude negra, mostra que uma grande parte dos objetivos de consumo para o qual os jovens se lançam no mundo globalizado tem a ver com a lógica do atual capitalismo mundializado. É de sua natureza deslocar os objetos e os artefatos de suas bases morfológicas, para que estes tenham aceitação em outros contextos que não os de origem (GONÇALVES, op.cit, p. 128). Foi assim que valores do rap, reggae, hip hop atravessaram fronteiras e integraram a vida de jovens pelo mundo afora.

Ao descrever suas vestimentas o jovem GORILÃO nos apresenta essa realidade

(...) a eu **gosto de andar muito de hip hop**, brinco grande, boné assim, a aba reta, calça larga, uns tênis doido assim, eu gosto muito disso.(...) porque hoje em dia é moda né? Hoje em dia **todo adolescente se veste assim**(...) a maioria hoje em dia é roupa larga.(...)(GORILÃO, grifos nossos)

No discurso o jovem GORILÃO de 23 anos de idade ao tratar sua forma de vestir, nos indica que estilo não é um suporte identitário pessoal e diz que gosta *muito de andar de hip hop* para estar na moda, porque *todo adolescente se veste assim*. Sua identificação é com o universo adolescente.

Coruja faz escolhas bem diferentes para compor o seu visual.

(...)eu sou... vamos dizer assim... um esporte fino (...) uma blusa social (...) uma calça jeans (...) um sapato social, bico quadrado (...) tipo pagodeiro (CORUJA, grifos nossos).

Pouco importa se o que o jovem usa é a calça de “estilo skatista” com “detonado na perna”, tênis muito doido ou se o sapato é de estilo pagodeiro, o importante é que “ele faça a cabeça das mulheres” (JOU). A relação que estabeleceram entre o próprio visual

e sua relação com as mulheres trouxeram elementos importantes para se compreender um pouco como se dá a construção deles mesmos enquanto homens, enquanto machos.

Na realidade, a única atividade (além, é claro de bate papo, de tomar uma cerveja ou um vinho) que os sete jovens praticavam juntos era o jogo de truco. Encontravam-se, na praça, e usavam boa parte do tempo juntos jogando cartas.

Lembrando a imagem do “jogo” na trama das configurações, tal como formulada por Elias, buscamos entender até que ponto aquela atividade desenvolvia nos jovens o sentido de interdependência, da necessidade de cumprir regras, de se orientar na direção do outro, criando empatia ou tensão. Enfim, que significado esses jovens atribuíam àquela atividade? TRUTA fala um pouco de alguns significados da seguinte maneira:

(...) lazer (...) a gente costuma reunir todo mundo aqui. Trazem baralho, vamos jogar (...) vamos bater um papo (...) então são horas de lazer (...) aquela coisa de descarregar o estresse do meio de semana, trabalhando direto, sem ter ponte (...) é trabalho e casa (...) trabalho e casa e quase, às vezes, não tem tempo de dar uma espairecida na mente, esquecer um bocado dos problemas também.... (TRUTA grifos nossos).

“Esquecer um bocado de problema” é uma marca forte no discurso de TRUTA. O “jogo”, segundo ele, ajuda distensionar, quebrar a rotina do “trabalho e da casa”. Em seguida, ele descreve que o estar na Praça era quase que um prolongamento de interações que mantinha com os colegas na escola. Diz ele:

(...) descia a maioria dos alunos do colégio. Todo mundo estudava junto. Outros vinham do trabalho (...) Tinha alguém pra bater papo, tocar violão (...) a gente curtia um pop rock (...) tomar vinho e (...) tirar todo mundo do sossego (TRUTA).

Alguns poucos anos depois, como vimos, TRUTA continua vindo à praça, mas agora para jogar truco, para espairecer e aliviar os problemas. Pode-se dizer que ele saiu do universo do adolescente para o do jovem já quase entrando com os dois pés no mundo do adulto.

Truta não estava sozinho no jogo de cartas. YOGA passou a frequentar a praça junto com os colegas da escola, quando perguntado sobre o que os jovens fazem na praça respondeu

(...) o pessoal bebe e zoa, ou rola de ficar, ou então ficar trocando idéia, joga um truco, certo? Ou então como se diz, ficar a toa mesmo, olhando, olhando

pro céu (...) eu encontrava com os meus colegas e bebia, zoava um pouquinho, (YOGA)

Essa rotina apresentada pelo jovem YOGA esteve presente nos discursos dos outros jovens que mostraram em detalhes como se compõe a configuração do jogo na Praça. BLUBLU descreve como se dava o processo: Não é algo organizado é espontâneo; não tem equipes formadas: quem chega, joga. Mas tem que esperar a vez...

(...) a gente marca para (alguém) trazer o baralho (...) sempre tem um que traz o baralho, mas quem quiser jogar, aí faz a de forinha (...) é até melhor porque a gente enturma mais (...) faz a de fora. Perdeu a rodada. Sai. Aí entra a outra turma (...) é só um jogo normal, não vale nada (...) (TRUTA, grifo nosso).

O jogo enquanto processo interativo no qual os indivíduos aprendem a estabelecer as regras, a modificá-las e a se submeter a elas enquanto o jogo existir é, ainda, um processo pouco estudado na socialização da juventude. Mas, certamente, é um processo fecundo, como nos indica Elias (op.cit.), pois ele revela, em uma situação, em miniatura, como os indivíduos vão estabelecendo relações de interdependência entre eles e como essas relações os ajudam na construção da suas próprias individualidades.

No “jogo de truco” praticado pelos sete jovens por nós entrevistados percebemos algumas outras características que são intrínsecas ao jogo, e que fazem parte do contexto cultural desses jovens e das exigências que vão se impondo nessa passagem para o mundo dos adultos. Isso fica muito claro em uma passagem do discurso de TRUTA quando diz que, no jogo, ninguém está impedido de entrar, participam mesmos os jovens que são discriminados ou estigmatizados como “favelados”. Mas eles têm de seguir as regras...

(...) às vezes que eles costumam juntar com nós e quando a gente tá aqui na praça, jogando um truco (...) quando rola (...) a rapaziada traz um baralho pra bancar (...) entrar pra jogar com nós, não tem problema nenhum. A gente avisa pra eles, nada de ficar usando droga enquanto tiver jogando com nós (...) pra coisa não ficar feia pro nosso lado também (...) porque eles têm o vício deles. Eles usam. Já é uma coisa visada pela própria polícia e se eles estiverem usando (...) vamos supor que a polícia chegue (...) as vezes por causa de um, todo mundo vai levar bronca (TRUTA, grifo nosso).

Não são apenas as regras do jogo de cartas que entram em cena, temos claro que foram definidas ali também as regras de um jogo social. Na fala acima fica explícito que no “ato de jogar” há uma série de valores compartilhados que orientam a conduta do grupo. Uma simples observação de um grupo jogando truco na praça não permite desvendar a quantidade de valores que estão ali implicados. O jovem TRUTA os revela

muito bem: não há qualquer restrição quanto ao tipo de pessoa que entra no jogo. Eles sabem que muitos jovens com quem estão jogando fazem parte de outras galeras. Alguns têm até uma vivência maior no mundo da droga. Mas isso não é impedimento para “fazerem o jogo”, desde que não façam uso de droga enquanto jogam. E não é o uso em si que os incomoda, mas as conseqüências que o uso pode acarretar: ela atrai o controle externo. E os nossos jovens, entrando no mundo dos adultos querem, mostrar que não precisam disso, já têm “maturidade suficiente” para se auto-controlarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabíamos que, ao estudar os jovens negros na Praça, estaríamos adentrando um universo no qual tomaríamos contato com situações de vulnerabilidade, o que é amplamente informado pela literatura e corroborado por nossa experiência. Certamente nos surpreendemos com o modo com que eles lidam com o pretérito recente de envolvimento em pequenas transgressões e pela forma como lidavam com as experiências forjadas em suas vivências em ambientes marcados pela violência e criminalidade e foram/são assediados por esse mundo. Entretanto não entraram para esse mundo, e sabiam muito bem conviver com essa situação sem se deixar contaminar por ela.

Naquele lugar, tomamos contato com o empenho de um grupo de jovens para construir e se manter num delicado equilíbrio sobre o “fio da navalha” que separa as fronteiras entre a **vida loka** e a construção de alternativas de integração social, dentro das precárias condições em que vivem; condições essas reveladoras de que os elementos que os afirmam em suas configurações, tais como família, escola e trabalho, também os fragilizam, dificultando ainda mais a manutenção do dito equilíbrio.

Entendemos que, embora limitado, o presente estudo pode contribuir para se compreender as redes de socialização dos jovens. Pudemos, por meio dele, entender que os indivíduos, por mais solitários que se possam admitir, têm suportes importantes que os ajudam a fazer frente tanto à chamada dissolução do social quanto contra o individualismo devastador das sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.

ABRAMO, Helena Wendel (2005a). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____ e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel 2005. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. P. 19-35.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n5/6, 1997.

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazio Afonso de. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BERGER, Peter L. & BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, Maria Alice e MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociologia: Leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977, p. 193-214

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARRANO, Paulo César R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Revista Movimento*. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro. DP&A 2000

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber; elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed Editora, 2000.

CORTI, Ana Paula e SPÓSITO, Marília. A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes. In: SPÓSITO, Marília (Coord.). *Estado do Conhecimento: Juventude*. São Paulo: Ação Educativa, 2000, p. 289-317

DAVILA, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, 9-18

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 136-161.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, set./out./nov./dez. 2003, p.40-53,

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. *A juventude no Brasil*. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude>>. Acessado em 11/12/2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa. Estampa, 1995. 240

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOMES, Nilma Lino . Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. In: 27a. Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro : ANPED, 2004. p. 1-16.

GONÇALVES, L. A. O. . Preconceitos. Estereótipos e Resistências do dia a dia. In: GARCIA, R. L. e ZACCUR, E. (Org.). *Cotidiano e diferentes saberes*. 1a. ed. Rio de Janeiro: DP&A/ FAPERJ, 2006, v. , p. 131-150.

KEHL, Maria Rita. A juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 89-114

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo. Paulus, 1997

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo : Hucitec-Abrasco, 1998

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n 5/6, 1997

PEREIRA, Edmilson de Almeida (2005). Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do candombe. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições.

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003

SPOSITO, Marília P. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, Anped, n. 5/6, 1997.

SPOSITO. M. P. Juventude: crise, identidade e escola. In: _____. *Estudos sobre movimentos sociais, juventude e educação*. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, p. 144-193, 2000.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/fundação Ford, 2003